

PEDAGOGIAS DOS COLETIVOS DE ESTUDANTES NEGRAS/OS: PRÁTICAS INSURGENTES DO LUISA MAHIN

Filipe Lopes da Silva

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, filipelopes.pedagogia@gmail.com)

O objetivo deste trabalho consiste em analisar as ações pedagógicas de um coletivo negro universitário da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. A Lei nº10.639/2003, cuja promulgação completa quinze anos em 2018 é uma das políticas públicas proposta pelo Movimento Negro, em diferentes momentos do século XX, que impactaram a realidade educacional. Neste sentido, compreende-se que demandas como disputas epistemológicas, a inserção de saberes inferiorizados pela academia, desigualdades e diversidade, etc., foram impulsionadas não pelo Estado para a sociedade, mas pelos movimentos sociais, bem como coletivos sociais diversos (GOMES, 2017). Nessa perspectiva, consideramos como objeto de pesquisa as ações pedagógicas desenvolvidas pelos membros do Coletivo Negro Luísa Mahin, especificamente 1ª Roda Cultural (COM)ciência Marginal, realizada em 31 de outubro de 2017 no Jardim do Centro de Letras e Artes – CLA da UNIRIO e a Roda de Conversa “Pedagogias Outras: Epistemologias em Disputa”, que ocorreu em 17 de maio de 2018 durante a VIII Semana de Educação Tânia Mara Tavares da Silva, organizada pela Escola de Educação da UNIRIO, ambas oriundas de debates desenvolvidos ao longo de disciplinas do Curso de Pedagogia. Ato contínuo, uma vez que a fonte de dados parte de ambientes naturais, rico em descrições de situações e acontecimentos, além de uma preocupação com o processo, somado à atenção aos significados que os participantes dão aos fatos, optou-se por uma abordagem qualitativa. O conhecimento e valorização da história e cultura dos povos afrodescendentes, dos africanos e dos povos indígenas possibilita a desconstrução de preconceitos, sendo de suma importância para a construção da nação. Enquanto ambiente formador de docentes, a universidade pode colaborar para a construção de pensamentos outros para o que o aluno compreenda o sentido do respeito, reconhecimento, valorização, convívio construtivo (SILVA, 2014) quando por meio de suas disciplinas fornece ferramentas para que o discente se prepare para combater o Racismo nas escolas, que não diferente de outras instituições, marca as relações entre as pessoas. (SILVA, 2014). Assim, quando o Coletivo Negro está em protagonismos em um curso, cuja grade curricular é em sua maioria norteadas por saberes eurocêntricos, observar-se um movimento de combate ao racismo para além do ambiente universitário, mas escolar, na medida em que estes alunos estiveram diante de informações e dados que ajudaram a fortalecer objetivos e procedimentos de ensino. Tais atividades manifestam-se como percursos mais ousados para desaprendermos/reaprendermos indo além daquilo construído no cotidiano da educação escolar (Miranda, 2013) e do campo universitário. Através das análises iniciais, observa-se que em sua maioria os participantes são discentes negros, envolvidos com os movimentos sociais em diferentes níveis, o que reforça a participação desses movimentos no processo de emancipação educacional. No que se refere ao corpo docente, o engajamento dos mesmos é

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

pontual, uma vez que na roda cultural havia apenas presença do professor titular da disciplina, bem como na roda de conversa estavam presentes apenas dois discentes, que em suas aulas já fazem um recorte racial ao longo do semestre, não se distanciando muito das realidades escolares, cujas pedagogias outras são aplicadas por profissionais específicos. Importante destacar que o ambiente escolar, assim como o universitário, é historicamente baseado em relações sociais hierárquicas que, aqui, têm caráter marcadamente racial. Neste passo, a promoção de pedagogias outras vem de encontro a uma lógica que ora impediu ou dificultou o acesso de negros, bem como seus saberes nas escolas, de forma que as elites brancas e proprietárias pudessem utilizar-se dela como meio de diferenciação e, portanto, da manutenção das estruturas sociais, e ora incentivou a presença de estudantes negros nas instituições escolares como estratégia para inculcar valores da cultura dominante e, assim, legitimar-se (Almeida, 2016). Nessa perspectiva, enquanto práticas insurgentes, as atividades desenvolvidas pelo coletivo mostram a importância de trabalhar as relações étnico-raciais na universidade como instrumento de formação de futuros professores e por conseguinte combater o racismo no cotidiano escolar, na medida em que desafiam as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade (Miranda, 2013) enraizadas nesses ambientes. Ato contínuo, a partir do momento que em tais atividades observa-se participação não somente dos alunos, mas também dos discentes, nota-se a relação entre conhecimento e consciência social como lugar dos processos de ensino, uma vez que enriquece a realidade problematizada, sem estar exclusivamente em torno de um eixo teórico (Sollano, 2002). Dito isto, é possível aferir que as pedagogias outras aqui propostas e realizadas, para além de contribuir com o debate das relações étnico-raciais, indicando outros horizontes de sentido (Miranda, 2013), vão ao encontro do que determinam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, na medida em que promovem registros culturais diferenciados e funcionam como atividade democrática e igualitária.